

Em redor de *lalangue* ¹

Eliecim Fidelis²

É com muito prazer que estou aqui para trazer algumas articulações sobre o tema deste ano: “O sujeito, o objeto e a letra na psicanálise”. Mas, pela amplitude do tema, tive que eleger uma parte dele, e optei pela relação entre o inconsciente e a linguagem.

Falar da relação entre o inconsciente e a linguagem na psicanálise não é nenhuma novidade. E isso, como se pode pensar, não começou quando se consolidou o entendimento lacaniano de que **o inconsciente é estruturado como uma linguagem**. Esse enunciado deve-se mais a um esforço, feito por Lacan, para imprimir uma formalização da descoberta freudiana com base no estruturalismo. Mas, desde muito antes, Freud já havia inferido, na Salpêtrière, que as manifestações corporais das histéricas de Charcot não eram coisas do diabo, nem loucura, nem simulação; e, sim, uma forma de linguagem que se expressava através do corpo, como uma mensagem hieroglífica a ser decifrada.

Ao retornar, em 1886, de seus estudos na Salpêtrière, Freud deparou com algumas linhas de investigação para prosseguir suas pesquisas, mas preferiu aproximar-se da experiência do colega Breuer, que lhe falou da paciente Bertha Pappenheim, a conhecida Anna O.

A partir daí, Freud que, diferente de Picasso, procurava o que queria achar, encontrou sua pedra de Roseta³ justamente no corpo das histéricas, e inventou uma forma de lhes passar a palavra e oferecer-lhes uma escuta diferenciada, apropriada para ouvir além do que era dito.

Como autora das expressões “limpeza de chaminé” e “cura pela fala”, Anna O. já prenunciava o poder da fala para o esvaziamento do gozo. E com isso exerceu papel fundamental no pensamento de Freud, tornando-se **a pedra mais famosa do mundo da escultura psicanalítica**. Sua importância levou ao ponto de Freud atribuir a Breuer o mérito pela descoberta de sua pretensa ciência, conforme declarou em uma das conferências realizadas nos Estados Unidos. Estava, nesse caso, subestimando seu papel, pois a psicanálise não teria se consolidado se ele não persistisse até promover um giro desde o método praticado por Breuer, até a inserção de sua própria técnica de reconstrução de reminiscências recalçadas, através da associação livre.

Podemos dizer que a importância de Anna O. para a psicanálise alcançou culminância naquilo que Freud sacou para a posterior descoberta da transferência. Mas ainda não foi ela quem afastou a psicanálise do método catártico. Isso só veio ocorrer quando Emmy von N (Fanny Moser), em uma das sessões, pediu

¹ Trabalho apresentado no Fórum Institucional realizado em 01/06/2021, no Espaço Moebius, Salvador-BA.

² Psicanalista membro do Espaço Moebius Psicanálise.

³ É um fragmento de granito que a história registra datando de 196 a.C., encontrado em 1799 nos arredores da cidade egípcia de Roseta por soldados franceses, durante a invasão de Napoleão Bonaparte. Essa pedra foi fundamental para a compreensão dos hieróglifos egípcios. Em 1801, quando os ingleses derrotaram as tropas de Napoleão, a França foi obrigada a entregar a pedra, que hoje pertence ao acervo do Museu Britânico.

a Freud que a deixasse falar sem interrupções, o que o levou a perceber que, por meio da fala livre, o paciente tem a oportunidade de elaborar seus fantasmas e construir ficções sobre seus sintomas.

Mas tudo indica que a cabeça de Freud já tinha um pé na linguística. É o que podemos constatar ao vê-lo dedicar-se desde 1891 à monografia *Sobre a concepção das afasias*, onde faz importantes críticas e sugestões à teoria localizacionista das afasias, tocando em conceitos consolidados da doutrina defendida por Wernicke, Lichtheim, Grasley e Meynert.

Nesse texto são evidentes as investidas de Freud para a construção de um aparelho psíquico suportado por um aparelho de linguagem baseado em uma rede complexa que ele reuniu em dois grupos: as representações de objeto, que aparecem como um sistema aberto; e as representações de palavra, um complexo fechado que se conecta com as associações de objeto pela imagem acústica. Ao lado da teoria da localização cerebral, Freud propõe a existência de dois tipos de afasias: **afasia verbal**, onde há perturbação das associações entre os elementos da representação da palavra; e **afasia simbólica**, em que há perturbação das associações entre a representação da palavra e a representação do objeto. (Cf. Freud, 1997/1891, p. 72).

A propósito, mais tarde o linguista Roman Jakobson, no seu clássico trabalho, também sobre as afasias, faz alusão à *interpretação dos sonhos*, de Freud; e, referindo-se aos conceitos de condensação e deslocamento, vai dizer que o discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas: por similaridade e por contiguidade, de modo que, diz Jakobson, podemos falar no primeiro caso em **processo metafórico** e, no segundo, em **processo metonímico**. (Cf. Jakobson, p. 55).

Assim, não podemos deixar de ressaltar as noções que o texto das afasias legou para o campo linguístico e psicanalítico, introduzindo conceitos importantes como: representação, aparelho de linguagem, signo linguístico, metáfora e metonímia; onde se pode observar uma antecipação freudiana de conceitos de Saussure e de Jakobson, os quais serão retomados por Lacan, em especial no Seminário 7, *A ética da psicanálise*, ao lado de outros conceitos de similar importância trazidos no *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895.

Depois dos textos pré-psicanalíticos, o interesse de Freud em aproximar o inconsciente e a linguagem não para. Citar, por exemplo, a *Interpretação dos sonhos* (1900), *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901), *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905) e *A significação antitética das palavras primitivas* (1910), não significa que esse propósito não esteja presente em muitos outros momentos de sua obra.

Nesse artigo de 1910, Freud comenta um panfleto do filólogo alemão Karl Abel tratando de um fenômeno linguístico que lhe deixa curioso, ao saber que algumas línguas antigas admitiam uma só palavra para dois significados opostos. Vislumbrando aí os fundamentos para compreender o desafio que o trabalho dos sonhos trazia à lógica clássica, é justamente se aproximando da linguística de sua época que Freud propõe uma analogia entre a linguagem do inconsciente e a forma de expressão das línguas antigas.

Embora cause estranheza esse texto não ter sido valorizado por Lacan, e sem entrar no mérito das críticas trazidas por Benveniste⁴ em seu artigo de 1956, *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*, onde esse linguista problematiza a noção de língua primitiva por considerar a língua um sistema universal a-histórico, não podemos negar que o texto de Abel causou forte impressão a Freud, levando-o a navegar entre a lógica e a letra.

O emprego de uma única palavra para designar um par de opostos, a rigor mostrava que havia subentendido na mesma palavra o sentido contrário do que era dito. Por exemplo: bastava existir a palavra **noite** para que todos compreendessem, e para que isso fosse compartilhado no código coletivo. Ao chegar a claridade, no dia seguinte, não havia mais a condição escura da noite, e isso dispensava a existência de outra palavra diferente. Porém, o fato de a ideia ficar subentendida, não quer dizer que ela não existe. Assim, essas noções devem ter servido a Saussure para teorizar a lógica da oposição, definindo que a existência de uma palavra só é possível em oposição a outra, ou seja: a palavra **noite** existe em oposição ao que a noite não é, ou seja, o **dia**; o que pode ser estendido para outros pares opostos: claro-escuro, longe-perto, fraco-forte etc.

A lógica da oposição levou ainda Freud a repensar a ideia de **ausência de contradição** no inconsciente, levando-o a propor a noção de ‘denegação’, no texto de 1925 traduzido como *A Negativa*. Aqui, ele observa que o uso do **não** pelo analisante aparece como um índice do recalque que só se deixa revelar no discurso do sujeito sob a forma de uma negação, que ao mesmo tempo revela.

Foi, então, com base na produção e no interesse freudiano de trazer a linguagem para a psicanálise que Lacan debruçou-se com prioridade nesse tema, no período inicial de seu ensino. Em 1953, em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, o próprio título já revela seu conteúdo, mas **nesse** texto “o entendimento de linguagem ainda é mais dialético do que estruturalista, e nele Lacan nem sequer menciona Ferdinand de Saussure”. (Cf. Dunker, p. 18). O texto que trouxe uma virada em direção à linguística estruturalista foi a conferência de quatro anos depois, *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957). Aqui, já na abertura da primeira parte, Lacan começa declarando: “Nosso título deixa claro que, para além da fala, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente”. (Lacan, Escritos, p. 498). Além dessa declaração, ele traz muitas outras referências que lhe levam à conclusão de que ‘**a linguagem é a condição do inconsciente**’; afirmação essa que ele defendia com veemência para contestar o contrário que insistiam em propalar, ou seja, que ‘**o inconsciente é a condição da linguagem**’⁵.

⁴ Emile Benveniste (Síria, 1902; Paris, 1976), foi um linguista francês que, ao lado de Saussure e Jakobson, exerceu influência sobre Lacan.

⁵ Ver o prefácio de Lacan para o livro de autoria de Anika Lemaire intitulado *Jacques Lacan: uma introdução* (incluído nas referências bibliográficas deste trabalho).

Chegamos, assim, à fórmula que se tornou um paradigma tão badalado na psicanálise: ‘O inconsciente é **estruturado** como **uma linguagem**’. Vamos examinar por parte os termos em destaque desse axioma.

Para algo ser **estruturado** é preciso pressupor uma configuração que se caracteriza pela disposição em ordem dos elementos que compõem o sistema. Essa é a base do conceito de estruturalismo, uma corrente de pensamento originada a partir do *Curso de linguística geral* (1916) de Ferdinand de Saussure, e que se estendeu às demais ciências.

A linguagem tem, então, sua estrutura de funcionamento, tem suas leis. Ainda que as línguas sejam diferentes, há um arcabouço estrutural em todas elas. Por exemplo, o signo linguístico é um elemento da estrutura, assim como a forma de escolha das palavras ou das letras para formar as frases. Observando que o inconsciente também funciona dessa forma, Lacan conclui que o arcabouço básico da linguagem identifica-se com o do inconsciente. E se isso tem importância para a psicanálise é porque, no corpo que sustenta o sujeito, acham-se inscritas, como significantes e letras, as representações pulsionais, os fantasmas e demais manifestações sintomáticas que fazem com que as operações de linguagem resultem em efeitos sobre o real.

No que se refere à escolha das palavras e letras, de acordo com a dicotomia da linguística saussuriana, elas se apresentam na fala por meio de dois eixos: o sintagmático e o paradigmático. O eixo sintagmático trata das relações entre as diversas unidades que pertencem ao domínio da fala enquanto elementos do enunciado; tais unidades combinam-se horizontalmente no ato da fala, e por isso esse eixo também é chamado de eixo das combinações ou eixo horizontal.

Já o eixo paradigmático, também chamado de eixo da seleção ou eixo vertical, refere-se às relações virtuais entre as palavras que ocupam posições na sentença, e que podem ser substituídas ao longo da fala.

Vejamos um exemplo no seguinte enunciado: “hoje eu comprei um livro novo”, as palavras vão sendo escolhidas no decorrer da fala. Se há uma escolha, é porque há o que escolher e onde escolher: esse lugar é o que Lacan chamou, nessa fase de seu ensino, de Tesouro dos significantes. Podemos, pois, ter várias possibilidades combinatórias. Assim, “hoje eu comprei um livro novo” (linha em vermelho) pode virar: ‘domingo Ana rasgou três livros velhos’ (linha em azul); ou: ‘amanhã ela/José roubará um carro/celular/lápis’ (linha em preto).

↓ Paradig. → Sintagmático

Hoje	José	Comprei	Um/Um	Carro	Novo
Amanhã	Eu	Rasgou	Vinte	Livro/Livro	Velho
Domingo	Ela	Roubará	Três	Celular	Preto
Em março	Ana			Lápis	

O mesmo ocorre com as letras. Exemplo: na palavra **bata**, a inicial **b** pode ir sendo substituída por outras: **c** (cata), **d** (data), **g** (gata), **m** (mata); **carro=barro**, **novo=povo** etc.

São todos significantes e letras selecionados paradigmaticamente no eixo vertical, e combinados horizontalmente no eixo sintagmático.

Retomando o axioma “o inconsciente é estruturado como **uma linguagem**”, podemos observar que, ao dizer ‘**uma** linguagem’, Lacan deixou algo indefinido. Tudo indica que, desde as primeiras alterações feitas no signo linguístico de Saussure, ele já tinha em mente outro tipo de linguagem mais própria para a psicanálise.

Com isso, a meu ver, entramos no campo de *lalangue*.

A propósito, vejamos o que diz Lacan em uma palestra realizada na Capela do Hospital Sainte-Anne, em 04/11/1971 (intitulada *Saber, ignorância, verdade e gozo*, incluída no Seminário *O saber do psicanalista*).

Cito Lacan:

“O inconsciente, disse eu, estrutura-se como uma linguagem. Qual? E por que eu disse *uma linguagem*? (...). Para começar, eu diria que, se falo de linguagem, é porque se trata de traços comuns a serem encontrados na *lalangue*”. (Lacan, p. 24/25 da versão online).

O termo *lalangue*, como sabemos, é um neologismo que nasceu entre um ato falho e um desentendido. Na citada palestra, em vez de referir-se, como queria, ao *Vocabulário de psicanálise* de Laplanche e Pontalis, Lacan mencionou o *Vocabulário de filosofia* de autoria de André Lalande. Ao se dar conta do lapso, questiona-se:

- O que estou dizendo? Vejam vocês o lapso. Enfim, isso merece o Lalande.

Da plateia, alguém pergunta:

- Lalangue?

E, referindo-se à terminação da palavra, Lacan explica:

- Não, não é g-u-e, é d-e”.

Assim, além do ato falho inicial, acrescenta-se agora o não-entendido por parte do ouvinte. Mas Lacan aproveitou o momento para acrescentar:

- Vejam só como eles são cultos (...). Escreverei doravante *lalangue*, numa única palavra, e justificarei por quê. Pois bem, *lalangue* nada tem a ver com o dicionário, seja ele qual for, (...) Ao contrário, a vertente útil na função da *lalangue* para nós, psicanalistas, para os que lidam com o inconsciente, é a lógica. (Cf. Lacan, op. cit. p. 18 a 20).

Ao trocar o produto (o vocabulário), o ato falho produziu a troca da autoria. Ao trocar a autoria, o trocador cria a metonímia em forma neológica: uma palavra no lugar da outra. *Lalangue* no lugar de *Lalande*. Estava criado o termo que passou a nominar a linguagem da psicanálise, aquela capaz de dar guarida à lógica do inconsciente.

Mas antes disso, desde o Seminário 11 (*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1964-1965), mesmo sem nominá-la, Lacan já vinha trabalhando com a ideia de *lalangue*. No Seminário 16, *De um Outro ao outro* (1968-1969), ele emprega a noção trazida pelo paradoxo de Cantor, aplicando os conceitos de “conjuntos partes” e de “par ordenado”⁶ ao matema $S_1 \rightarrow S_2$.

Fazendo o segundo elemento, $S_2 = S_1 \rightarrow S_2$, temos uma formulação paradoxal, uma vez que uma parte dessa fórmula (S_2) passa a ser igual à fórmula como um todo ($S_1 \rightarrow S_2$). Isso lhe possibilita apresentar a seguinte expressão em forma de conjunto: $\{[S_1], [S_1 \rightarrow S_2]\}$, que permite a formação de uma série ininterrupta do tipo:

$\{[S_1], [S_1], [S_1], [S_1], [S_1 \rightarrow S_2]\} \dots$

Com isso, Lacan utiliza a lógica de base paradoxal cantoriana para formalizar “uma repetição infinita do S_1 sem que jamais se possa deter o recuo do grande Outro (S_2)” (Cf. Seminário 16, p. 57).

A partir desse mecanismo, o sujeito antes representado por um significante para outro significante, passa a ser representado **entre outros**, em uma rede sucessiva de significantes e letras, que privilegia *lalangue* e, como tal, a presença do real no discurso.

Mas, aqui, merece abrir um parêntese para dizer que, se o conceito de *lalangue* faz contraponto direto com o de linguagem, Lacan precisou de outra palavra para contrapor-se à linguística. No começo da aula II do Seminário 20, *Mais ainda* (1972-1973), ele faz uma alusão a uma fala de Jakobson em que o linguista teria dito que “...tudo que é da linguagem depende da linguística...”. Lacan, então, como resposta, assim se posiciona: “Mas se considerarmos tudo que (...) se segue quanto à fundação do sujeito (...), então será preciso forjar alguma outra palavra, para deixar a Jakobson seu domínio reservado. Chamarei a isto de linguisteria (...)”. Então, concluiu Lacan: “Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística”. (Lacan, Seminário 20, p. 25).

Podemos dizer então que, para a psicanálise, as expressões linguisteria e *lalangue* são correlatas respectivas das palavras linguística e linguagem.

⁶ Paradoxo de Cantor (1845-1918): Teorizando sobre o conjunto de todos os “x” que não pertencem a “x”, Cantor concluiu pela noção de conjunto vazio $\{ \phi \}$, que, por sua vez, é também um conjunto unitário, já que só dispõe de um elemento, como no seguinte exemplo: $\{ a \}$. Por outro lado, o conjunto $\{ a, b \}$ é formado pelos elementos *a* e *b*. Está aí a base para a noção de par ordenado, que Cantor define como um conjunto cujo segundo elemento é formado pelo primeiro e, ao mesmo tempo, também pelo segundo elemento do par $\{ a \}$, $\{ a, b \}$ (Cf. Corrêa, 2003, p. 40/41).

Fechando o parêntese e voltando a *lalangue*, observamos que esse conceito é retomado em diversos momentos por Lacan. Em uma conferência de 1975, proferida em Genebra, ele fala de uma etapa prévia à formação do sintoma, remetendo à infância, e lembrando que um dito pode ser constituído antes mesmo que o sujeito venha a articular palavras, ao ser submetido a todo zum-zum-zum e a todo o enxame que lhe entram pelos ouvidos (cf. Lacan, 1975, p. 129).

Vemos aí Lacan relacionando *lalangue* a todo tipo de representações: tácteis, verbais, visuais, acústicas e sinestésicas a que o *falasser* se submete desde tenra idade, e por elas deixa-se ferrar como se ferra o gado, mesmo antes de articular qualquer palavra. Trata-se, portanto, de um acervo de insígnias a serem utilizadas pelo *falasser* na sua relação $S_1 \rightarrow S_2$, nas vias de sua constituição como sujeito.

Nesse sentido, em *Os discursos na psicanálise* Aurélio Souza aproxima *lalangue* da noção de língua materna, como “... algo que vem marcar o corpo a partir de uma coalescência do sexual com a linguagem. Com suas rimas e aliterações, diz Aurélio, é um tipo de ‘lalação’ que precocemente se instala entre o *infans* e o outro materno, e que se desenvolve numa consistência de real”. (Souza, p. 96).

Trabalhando com o diagnóstico precoce de risco de autismo, a psicanalista Marie Christine Laznik pode testemunhar bem o despontar de *lalangue* na relação primordial mãe-bebê. Na transição da necessidade à demanda, é preciso que esse Outro materno procure interpretar e dar sentido aos apelos do bebê. E Laznik chama atenção para a reação do bebê à fala dengosa da mãe, independente do significado das palavras, mesmo porque a criança ainda não o entende. A reação do *falasser* dá-se em função da forma do enunciado, do gozo que aí transita e da musicalidade passada na lalação materna, e em seu saber instintual para estimular o pulsional do bebê.

Enfim, antes da linguagem estruturada como a da linguística, *lalangue* vai se constituindo desde muito cedo para o sujeito, independente das regras sintáticas, já que tem suas próprias leis e sua prosódia particular. Mas que prosódia e que leis são essas?

Nesse ponto, a questão toda pode resumir-se ao seguinte: como podemos identificar a *lalangue*?

Por se tratar de uma linguagem concernente ao trabalho com o inconsciente, portanto, próprio da psicanálise em intenção, não acho que seja fácil identificar *lalangue*. Tudo o que podemos fazer é elaborar algumas aproximações exemplificadoras.

Começo com um fragmento clínico. Carlos vem trabalhando uma questão de infidelidade recorrente e de troca de parceiras, sem formar laços de solidez. A explicação que lhe ocorre é de que passa a sentir nojo das mulheres após o ato sexual. Um dia ele traz um sonho no qual se sente aflito por estar preso; sente seus braços e pernas imóveis como se estivessem pregados ao corpo como os de Cristo na cruz. No decorrer das associações, lembra-se de que, quando criança, a mãe gritava por socorro. Ele se aproximou e viu a mãe nua se debatendo para limpar o corpo inteiro onde escorria até à vagina a cola que havia derramado de um vidro. Ele fecha os olhos e se afasta com nojo do que viu.

Penso que a forma de *lalangue* apresentar-se na clínica dá-se através de seu código particular para cada sujeito. A palavra **mãe** pertence ao código comum compartilhado por todos; quando se diz mãe, todos sabem o que é. Mas no caso de Carlos a palavra mãe não aparece no conteúdo manifesto do sonho, e sim nas associações de uma lembrança infantil. Então, que protótipo de mãe carrega o fantasma desse sujeito, ao ser exposto, por qualquer circunstância, a uma vagina escorrendo um líquido pegajoso que pode ser a marca a ser lida como algo nojento?

Outra forma de tratar *lalangue* poderia ser pensando no saber inconsciente velado por trás de lapsos, e nas formações neológicas e anagramáticas (literais ou fônicas), que não estão de logo presentes nos eixos da linguagem, não se tratando portanto de uma simples substituição de palavras do código geral. Aquilo que, nesses casos, transita como não-sentido, como sonoridade ou musicalidade não seria da ordem de um gozo que aponta para o real envolto em fagulhas de *lalangue*? No exemplo de Carlos, cola pertence ao tesouro dos significantes, mas essa palavra não aparece no sonho. E seus anagramas podem levar também a calo, loca, ou mesmo cloaca.

Sabemos ainda da insistência de Freud em explorar o significante, quer no âmbito da clínica, no trabalho onírico, em lapsos e chistes, ou mesmo na literatura. O que poderíamos dizer das construções encontradas na fórmula da trimetilamina (Irma), que surge como o ponto concêntrico de todas as associações do sonho, tornando-se uma solução simbólica para o inominável? E o que dizer no caso do chiste produzido pelo personagem de Heine, Hirst-Hyacint, onde um mordomo profissional inventa sua forma particular de igualar-se a um milionário alemão através da construção da palavra Familionário, uma palavra inexistente no código compartilhado?

No caso do Homem dos ratos, Freud interpretou inicialmente como uma tendência autopunitiva que indicava um desejo suicida. Depois ele acrescenta que o paciente mostrava também um desejo assassino; e toda essa trama desvendada no trabalho de análise era tecida em torno do significante **dick** que é o apelido do primo, mas também é o significado da palavra **gordo** em alemão.

Já no caso do Homem dos lobos, o que podemos dizer sobre o sonho da Espe? Temos aí uma palavra que só existia na *lalangue* do paciente. É tanto que Freud pergunta: o que é Espe? Depois da explicação, o analista entende que se trata de uma Wespe, (vespa); porém, uma vespa mutilada, onde o W se separa deixando apenas a indicação da ameaça de castração nas iniciais do nome do paciente, S.P. Freud então diz que o paciente usava suas dificuldades com a língua estrangeira como uma forma de encobrir os atos sintomáticos. Poderíamos dizer que Serguei, nesse caso, deixa de usar a língua estrangeira por imposição de sua *lalangue* particular?

O que testemunhamos nesses e em muitos outros exemplos é um trabalho obstinado de Freud, no qual, para usar um conceito trazido em Fórum anterior, neste espaço, por Lúcia Castello Branco, Freud maltrata as palavras aproximando-as de seu ponto de 'p', ou seja, daquilo em que *lalangue* se avizinha do real da Coisa.

Enfim, na psicanálise, as leis estruturais da linguagem – envolvendo significantes, letras, morfemas, metáfora e metonímia – estão sujeitas à transgressão de *lalangue*, deixando influenciar-se por ela, ou mesmo perder-se no oceano de sua falta de sentido, ou em sua veia poética caracterizada pela sonoridade, gozo, equívocidade e musicalidade. Trata-se de mais uma importante vertente a que, na clínica, não podemos deixar de estar atentos.

Referências bibliográficas:

- Arrivé, M.** *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan.* Tradução de L. Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- Benveniste, E.** *Problemas de linguística geral.* Trad. de M. da G. Novak et al. Campinas: Pontes, 2005.
- Freud, S.** (1974). *O inconsciente.* In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original de 1915).
- _____. *A interpretação de sonhos.* In: Obras Completas. Vol. IV,V.
- _____. *A Interpretação dos Sonhos I – versão on line.*
- _____. *A significação antitética das palavras primitivas* (1910). Vol. XI.
- _____. *A negativa.* (1925). Vol. XIX.
- _____. *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico (1891)*
- _____. *História de uma neurose infantil.* Vol. X.
- Garcia-Roza, L. A.** *Introdução à metapsicologia freudiana* (Vol. 1). Rio de Janeiro, Zahar. (2014).
- Jakobson, R.** *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasias.* In: Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1969.
- Lacan, J.** *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise.* In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud.* (Idem).
- _____. *O Seminário, livro 3, As psicoses.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar,
- _____. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. *O Seminário, livro 7, A ética da psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964).*
- _____. *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro (1957-1958).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. *O seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. *Conferência de 24 de outubro de 1975, Genebra.*
- _____. *Saber, ignorância, verdade e gozo,- conferência de 04 de novembro de 1971, versão online.*
- Laznik, M. Christine.** Rumo a fala
- Lemaire, Anika.** *Jacques Lacan: uma introdução.* Rio de Janeiro: Campus, 1989. (prefácio de Jacques Lacan às p. 17-27).
- Machado, Bruno F.V.** Benveniste, Lacan e o estruturalismo: sobre o sentido antitético das palavras primitivas. In: Alfa – Revista da linguística – vol. 1 – São Paulo: UNESP, 1962.
- Quinet, Antônio.** Inconsciente e lalingua – Antônio Quinet (Vídeo no Youtube)
- Souza, Aurélio.** *Os discursos na psicanálise.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.
- 19Alfa, São Paulo, 59 (1): 11-27, 2015